

O olhar do aluno:

em busca de novas metodologias e abordagens no ensino de História

Por Gláucia da Rosa do Amaral Alves¹, Jociléia Scherer² e Jamille Padoin Bonini³

Resumo

Diante da nova realidade escolar, a seguinte abordagem propõe a reflexão das reivindicações de mudanças no ambiente escolar, decorrentes da complexidade em que se dá a educação escolar, nos dias atuais, com o objetivo de refletir os caminhos da atuação e formação do docente. Com intuito de tornar o estudo de educação patrimonial instigante e proporcionar o ato de pertencimento, os bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), do Colégio Estadual Manoel Ribas, em Santa Maria (RS), propuseram uma atividade aos educandos estimulando a consciência sobre os bens públicos e sua respectiva conservação. A partir da proposta de ensino, de fotografar a sua realidade escolar, percebe-se um novo olhar de ensinar e aprender, o aluno passa a ser sujeito ativo da história. Logo, se torna essencial a busca por novas abordagens, pois facilitam ao professor a busca de novas metodologias de integrar a diversidade ao ensino.

Palavras-chave: História; Metodologias; Olhar; Patrimônio.

Abstract

In the light of the new school reality, the following approach proposes a reflection about the claims for change in this environment, resulting from the complexity in which school education occurs now a days, with the objective of reflecting about the path ways of teacher training and action. Aiming to turn the study of patrimonial education stimulating and to provide a feeling of belonging, the fellows of the Institutional Program of Scholarship for Beginner Teachers (PIBID) from Manuel Ribas State School in Santa Maria (RS) proposed an activity to the pupils, stimulating the raise of consciousness over public properties and its preservation. From this teaching proposal, of photographing their school reality, a new perspective was noticed for the ways of teaching and learning, turning the student into an active subject of this situation. Thus, the search for new approaches that bring to the teacher new methodologies that integrate each diversity becomes essential.

Keywords: History; Methodology; Perspective; Heritage.

¹ E-mail: glauciadoamaral@gmail.com/UNIFRA

² E-mail: jocischerer@gmail.com/UNIFRA

³ E-mail: jamillepb@gmail.com/UNIFRA

Introdução

A necessidade de novas as práticas no Ensino Médio fundamentaram-se devido à constante ideia dos alunos em definir a História como algo que se copia e decora, sem nenhum significado a sua realidade. Diante dos últimos tempos, em que o ensino tradicional vem perdendo forças, a importância de novas práticas e abordagens vem ganhando cada vez mais espaço. Deste modo, buscou-se fazer com que os alunos se sentissem parte do ambiente escolar.

Neste sentido, percebe-se que o uso de novas tecnologias expandiu-se nas escolas, sendo cada vez mais presente o uso de celulares no ambiente escolar, em que a urgência de tornar as aulas mais instigantes deve fazer parte do cotidiano do professor. Desta forma, emerge a importância de uma postura frente à nova realidade escolar do século XXI, torna-se imprescindível e, fundamental, pensar, refletir e criar.

Frente a este cenário, os bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), propuseram uma atividade aos discentes em que incorporasse o uso de tecnologia, e ao mesmo tempo, fizesse com que os estudantes refletissem, e reconhecessem a utilidade da educação patrimonial e da história local. A partir da escolha deste tema, ocorreu a questão de contextualizar a respeito da Educação Patrimonial e os sessenta anos do Colégio Manoel Ribas.

Diante dos elementos apontados, inicialmente será abordado algumas reflexões e estudos sobre patrimônio. Em um segundo momento, pretende-se apresentar uma análise comparativa sobre novas abordagens no ensino de História e seus resultados, a partir de um relato de experiência.

Patrimônio e Educação

As edificações que remontam ao final do século XIX e XX, em Santa Maria estão em ruínas ou tendem a desaparecer. Na maioria dos casos, não houve a preocupação em guardar, cuidar ou preservar as antigas construções.

Um desses prédios que permanece em pé e com quase a totalidade dos elementos arquitetônicos que o caracterizam (na reestruturação o prédio sofreu

significativas modernizações para adequar-se às atuais exigências de uso) é o que abrigou a Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha do Menino Jesus, atual Colégio Manoel Ribas, o Maneco.

Tal edificação abriga um acervo composto por fotografias, documentos, e mobiliário, embora vulnerável a oscilação da temperatura promovida por baratas, cupins e morcegos. Diante deste contexto, discutiu-se com os educandos a importância de preservação do patrimônio.

Partindo deste pressuposto, patrimônio pode ser entendido, a partir do ideal romano, como algo que se respeita ou é sagrado. Na atualidade, o conceito de patrimônio vai além dos valores históricos, artísticos, científicos, educativos e políticos. Patrimônio também está relacionado com a construção da identidade cultural pelas mais variadas estruturas.

Portanto, podemos afirmar que este é também uma ferramenta de construção de identidades, ou seja, uma afirmação de pertencimento de alguns grupos sociais. A reprodução simbólica das identidades compõe um dos elementos centrais na definição atual do conceito de patrimônio. Coelho define ainda que:

Podemos considerar patrimônio dizendo que é o conjunto dos bens móveis e imóveis cuja preservação seja de interesse social, quer por sua vinculação com fatos históricos memoráveis, quer por seu excepcional valor artístico, arqueológico, etnográfico, bibliográfico, compreendendo os monumentos naturais, os sítios e as paisagens que sejam importantes conservar e proteger, pela feição notável com que tenham sido adotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana. (COELHO, 1992, p. 31).

Assim sendo, o patrimônio somente será conservado se houver uma valorização e integração por meio da comunidade, através da memória coletiva. Esta, por sua vez, é construída através do conjunto de memórias individuais, Bessegato (2005), afirma que o aluno que atua na reconstrução do passado, colaborando, pesquisando e expressando-se, começa interagir melhor com o seu meio. Portanto, preservar constitui manter viva a memória e a identidade de uma localidade. Ou seja, preservar é darmos continuidade à valorização de nossa cultura.

De acordo com Vasconcellos (1993), o papel do educador não se restringe à informação que oferece, mas estabelece sua inserção num projeto social, a partir do qual desenvolva a capacidade de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo, o interesse, a vida no estudante, a fim de que possa se dar a interação educativa e a formação do conhecimento.

Nascimento (2012), menciona que ao se referir em educação patrimonial no contexto escolar, surgem inúmeras questões quanto ao ensino e a conscientização dos alunos. Em relação à educação patrimonial na disciplina de História, estas questões ganham caráter mais específico. Sendo que disciplina da História se utiliza do patrimônio enquanto fonte, capaz de fornecer informações do passado das sociedades sob as representações da memória.

Partindo desta perspectiva de estudos e conhecimento sobre a importância da preservação patrimonial, entende-se que esta deve ser uma ação educacional permanente, levando os indivíduos a um processo ativo de valorização e conscientização perante a sua herança cultural fortalecendo os valores culturais e o ato de pertencimento.

Novas abordagens no ensino de História: um relato de experiência

A necessidade de novas abordagens e metodologias no ensino de História está cada vez mais constante na realidade do professor. Atualmente, há um grande crescimento na utilização de recursos audiovisuais como forma de diversificar o aprendizado nas escolas.

Cineclubes, aulas de informática, *Moodle*, fazem parte do cotidiano dos alunos, mas o que vêm tomando espaço nos últimos tempos é o uso do celular em sala de aula muitas vezes um grande desafio ao docente. Conectados, compartilhando selfies e ideias, este é o perfil do aluno do Ensino Médio do Colégio Manoel Ribas. Diante deste contexto, foi preciso buscar alternativas que pudessem tornar o uso do celular como ferramenta de estudos inserindo os alunos como protagonistas da História.

Em meio a este cenário, o professor deve ampliar a utilização de novas metodologias, com o intuito de despertar o interesse, a criatividade, observação e a problematização do conteúdo a partir do auxílio dessa ferramenta pedagógica. O emprego de novas tecnologias no ensino vem crescendo em quantidade e qualidade, ainda que haja resistência entre os educadores em dispor de linguagens diferenciadas das tradicionais (tais como o livro didático).

Contudo, buscou-se alternativas na qual os educandos conseguissem estabelecer a coletividade, o convívio uns com os outros, possibilitando o criar e descobrir, pois a História está em constante transformação, como a vida das pessoas. Perrenoud (2002) sugere que a autonomia e res-

ponsabilidades do professor devem estar amparadas no conhecimento e na experiência.

Partindo da realidade escolar, é quase consenso entre os alunos do Ensino Médio que ao falar de História, é necessariamente falar de antiguidades. Diante deste pressuposto e por entender que História não são somente datas, heróis e coisas velhas, os bolsistas, desenvolveram no ano de 2014, nas turmas 2ºJ e 2º H, uma atividade, na qual os estudantes pudessem ser protagonistas da História, e não meros espectadores. Deste modo, procurou-se incorporar a importância do patrimônio ao cotidiano.

Assim, a partir dessas reflexões, trabalhar com um tema que estivesse inserido na vida dos estudantes se tornou o eixo central das atividades desenvolvidas pelas bolsistas Pibid. Por isso, como um dos objetivos desta atividade, foi mostrar que eles são sujeitos da História e que não estão à margem dela, através da valorização do ambiente onde vivem, e de seus saberes inerentes ao conteúdo escolar.

O que se propõe, com essa nova discussão acerca da História, é a resignificação do olhar do educando, através da sua problematização, afim de que perceba o seu entorno como construído historicamente e, portanto, como agente histórico, e que suas escolhas consistem em uma construção histórica. É na escola que o aluno amplia seus conhecimentos, aprende a trocar ideias, definir conceitos e sugerir novos métodos de atividades no ensino de História patrimonial, sendo que esta é primordial para o entendimento do estudante como sujeito histórico.

A fotografia e a tecnologia como recurso didático

Os recursos midiáticos e as novas tecnologias têm gerado diversos debates acerca de sua utilização no ambiente escolar, principalmente do telefone móvel, e trazem aos educandos e educadores novas possibilidades e desafios para o ensino básico.

As mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixou de ser as únicas fontes do conhecimento. Ou seja, professor, alunos, pais, todos precisamos aprender a ler

sons, imagens, movimentos e a lidar com eles.
(LIBÂNEO, 2012, p.40)

É indispensável buscar novos instrumentos para a educação na qual estudantes e professores interajam com o ambiente escolar e a comunidade, fomentando a noção de pertencimento e tornando-os sujeitos atuantes na construção do conhecimento. Através da utilização de recursos visuais, o educando passa a assimilar melhor o conteúdo, estimulando o imaginário e a sensibilidade do olhar a partir da linguagem fotográfica.

É vista como uma prática, que pode ser estimulada na escola [...]. Colocando em foco as múltiplas formas de ver e ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos. (LOPES, 2005, p. 09)

A utilização desses novos recursos torna o docente um orientador e fomentador da criticidade dessa geração de educandos, cada vez mais imediatistas, que circulam naturalmente nesse universo tecnológico. A exploração do ambiente escolar por parte do educando, assim como a autonomia que este possui em usar da sua sensibilidade para registrar, e muitas vezes, recriar o universo escolar.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. [...]. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (FREIRE, 2008, p. 51).

Entretanto, a incorporação da tecnologia móvel pelas instituições de ensino e pelos educadores é um processo lento, e grande parte dos profissionais da educação resiste em inovar em suas práticas pedagógicas, muitas vezes por desconhecer as potencialidades destes recursos no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Cavalcante (2010) argumenta que “o prazer de fazer parte de um processo de transformação das pessoas é algo inexplicável para quem se dedica a docência”. Nessa perspectiva, faz-se necessário que o profes-

sor construa estratégias que proporcione ao discente o desafio de buscar o conhecimento.

O educador assume o papel de orientador na condução dos alunos para os registros, respeitando a autonomia do olhar do estudante. Dessa forma, a construção do conhecimento por parte do aluno deve ser mediada pelo educador.

[...] não basta expor-se aos meios de informação para adquiri-las, é preciso operar com as informações para, com base nelas, chegar ao conhecimento [...], entre a sociedade da informação e os alunos, a fim de possibilitar que, pelo exercício da reflexão, adquira a sabedoria necessária a permanente construção do humano. (PIMENTA, 2012, p. 24)

A fotografia e a tecnologia auxiliam na aquisição do conhecimento pelo aluno de modo que o uso desta prática educativa de ensino favorece a intervenção docente, de forma positiva, para a construção do conhecimento do discente. A utilização da fotografia traz ao indivíduo autonomia e a noção e pertencimento, como sujeito atuante no ambiente escolar.

Metodologia

Com a finalidade de trazer ao cotidiano dos educandos conhecimentos, trocas de experiências, dinâmicas em duplas e compartilhamento de ideias, os bolsistas em reunião com a supervisora e regente da turma, Maria Helena Romero propuseram uma atividade na qual os alunos pudessem utilizar o celular como uma ferramenta de estudos. Desse modo, pretendia-se buscar o desenvolvimento de pessoas mais livres e autônomas, enfim, ensinar com liberdade.

Em um primeiro momento, os bolsistas fizeram uma contextualização a respeito da formação do Colégio e seu entorno. Com isso, analisou-se o valor atual dessa instituição de Ensino Médio, que tendo passado pelo processo de tombamento municipal e estadual, tem um valor significativo para seus alunos, como também para a comunidade santa-mariense. Assim, os estudantes fizeram uma reflexão sobre a importância da questão patrimonial.

Em um segundo, momento os alunos fizeram um *tour* pela parte interna e externa da escola fotografando “*O olhar do aluno*”. E como fechamento da atividade, os es-

tudantes enviaram as fotos por e-mail aos bolsistas, que imprimiram e expuseram na Mostra Cultural do Colégio.

Resultados

Com o início das atividades no Colégio Manoel Ribas, a partir de abril de 2014, os bolsistas do subprojeto História no Programa de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), tiveram como finalidade principal incitar nos alunos, o gosto pelo estudo da disciplina de História. Com isso, para alcançar tal objetivo, os integrantes do projeto PIBID, no dia da realização da Mostra Cultural, evento ocorrido no Colégio no mês de agosto, convidaram um grupo de alunos para que os mesmos preparassem, montassem e apresentassem uma exposição das fotos, onde divulgassem suas respectivas visões sobre o Colégio e seu entorno.

A exposição ocorrida no final do mês de agosto proporcionou tanto para os bolsistas quanto para os discentes uma melhor integração entre ambos e uma troca de conhecimento, na qual os bolsistas verificaram, por meio do convívio semanal, os obstáculos e enfrentamentos do cotidiano escolar, tanto na construção do conhecimento, quanto na prática pedagógica. Dessa forma, ao se envolverem com o projeto, os alunos começaram a pensar historicamente o ambiente escolar como um recurso patrimonial necessário para a construção de sua identidade e cidadania, bem como, passaram a admirar a beleza arquitetônica do colégio e a valorizá-lo.

Conclusão

Embora ainda que proibido pelo Decreto Estadual e ainda cause desconforto por parte de alguns docentes, entende-se que o uso do celular em sala de aula como ferramenta de apoio para sanar dúvidas ou como material para atividade se faz necessário. Em momento algum foi visto pelos alunos como um instrumento de entretenimento, e sim como uma ferramenta que serviu com meio de execução da atividade. Segundo Tedesco, a inclusão das novas tecnologias à educação deveria ser considerada como um componente de uma estratégia global de política educativa, logo,

Uma perspectiva mais pedagógica, a centralidade do conhecimento também inspirou inicialmente algumas posturas otimistas sobre o futuro da sociedade, já que a ideia segundo a qual o desenvolvimento cognitivo tem alguma influência nas condutas e no comportamento das pessoas esteve sempre na base das propostas de mudança social. Ensinar a pensar bem, a pensar melhor, estava associado geralmente à ideia de formar um ser mais “humano”. As últimas versões deste enfoque provêm de pensadores vinculados ao desenvolvimento de enfoques interdisciplinares que permitam compreender adequadamente a *complexidade* dos fenômenos. O suposto básico deste enfoque é que as pessoas capazes de compreender a complexidade atuariam de maneira mais responsável e consciente. (TEDESCO, 2004, p.02).

Contudo, com a incorporação do celular nas aulas de História percebeu-se que os alunos motivaram-se para realizar a atividade, sentindo-se parte daquele contexto, assim, conseguiram com êxito mostrar o seu olhar sobre a escola refletindo a respeito da importância do patrimônio. Após as fotos e reflexão dos materiais produzidos, os educandos conseguiram entender que eles fazem parte do contexto escolar e não são meros espectadores da História.

No entanto, a busca por novas abordagens e metodologias em sala de aula possibilitou um resultado surpreendente, não só pela elaboração de painéis para a Mostra Cultural, mas pela interação e empenho por parte dos alunos e pela análise e reflexão sobre a importância de preservação. Para que isso aconteça, vale ressaltar que, para preservar, é preciso conhecer, e o conhecimento se dá quando o educador consegue transmitir para aos alunos informações que passam despercebidos para os mesmos. Neste caso, a escola torna-se o elemento principal, no qual o aluno mesmo inserido, não identifica, muitas vezes, o valor patrimonial em que ele vive.

Logo, é fundamental que o docente rompa com a barreira tradicional e vá ao encontro de ensinar através do uso de novas tecnologias, embora pareça ser um desafio, os resultados são surpreendentes. Portanto que a partir da educação patrimonial podemos contribuir para um futuro em que as pessoas tenham um patrimônio devidamente protegido e conservado. Pois o patrimônio é uma referência do que somos e do lugar que pertencemos, de maneira que não pode ser esquecido ou relegado a segundo plano.

Referências Bibliográficas

BESSEGATTO, Mauri Luiz; coordenador Saul Eduardo Seiguer Milder; **Por aí e aqui: o patrimônio no cenário educativo**. Santa Maria: UFSM/LEPA, 2005.

CAVALCANTE, Márcia. **O desafio de ser professor (a) do jovem de hoje**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

_____. **Ensino Médio mudanças e perspectivas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

COELHO, Olinio Gomes P. **Do patrimônio cultural**. Rio de Janeiro, RJ: [s. n.], 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora: Novas exigências educativas e profissão docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, A. E. **Ato fotográfico e processos de inclusão: análise dos resultados de uma pesquisa-intervenção**. 28ª Reunião anual da ANPED, Caxambu/MG, 2005. Trabalhos e pôsteres. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt15/gt151254int.pdf>. Acesso em 22 out. 2015.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NASCIMENTO, Evandro Cardoso do. **História, patrimônio e educação escolar: diálogos e perspectivas**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/1nasci Acesso em 10 out. 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, A. L. R.; KLAMT, S. C. **Breve Manual de Patrimônio Cultural: subsídios para uma Educação Patrimonial**. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v. 28, p.45- 65, edição especial de 30 anos, 2004.

TEDESCO, Juan Carlos. **Os fenômenos de segregação e exclusão social na sociedade do conhecimento e da informação**. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/JuanCarlosT.pdf> Acesso em: 20.10.15

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 6. ed. São Paulo, SP: Libertad, 1997.